

CIDAI

Negro está evoluindo socialmente

O negro brasileiro está evoluindo socialmente, mas ainda não achou o lugar dele. A observação é do professor americano de História Africana e da América Latina, Jerry Michel Turner, que veio ao Recife para participar de uma palestra na Universidade Federal de Pernambuco sobre o Multiculturalismo e os Direitos Civis nos Estados Unidos. Turner também é pesquisador e realizou inúmeros estudos sobre a cultura negra brasileira nos anos de 1971 e 1976 pela Fundação Ford, da qual foi representante no País.

Segundo Jerry Turner, o negro brasileiro ganhou espaço nas universidades, profissionalmente, partiu para a derrubada de muitos preconceitos raciais, mas ainda está para ser conquistado no campo político. "Em uma reportagem numa revista inglesa falando sobre Salvador, é citado o fato de que na Bahia, Estado formado por negros, não existem políticos de cor negra, com exceção de Gilberto Gil".

Entretanto o professor americano, que se considera um afro-brasiliense, reconhece que a questão racial é muito mais forte nos Estados Unidos, apesar deste ser um exemplo de país democrático. "Nos EUA, o racismo está ligado às questões econômicas e de classe social", disse Turner. Além disso, o papel da cultura negra americana é menos conhecido para a população do que o da cultura negra brasileira no Brasil.

"A influência da África aqui é parte da raiz cultural, aceitando isso como integrante da identidade nacional, o negro no Brasil tem mais possibilidades de promover mudanças do que os negros americanos", explica Turner.

Axé da Lua sai em Olinda pela 4ª vez

“No Axé da Lua eu vou, no Axé da Lua eu vou, vou com você”. É cantando assim que o Grupo Afro Axé da Lua sairá de sua sede em Olinda, pelo quarto ano, no domingo de Carnaval, às 18h. O tema este ano será “Revidar Maracatu”, em homenagem ao Maracatu Fusão Africana. Parte da indumentária já está sendo preparada, no entanto o presidente José Maria de Farias, mais conhecido por Malu, o cabeleireiro, afirma que as dificuldades são muitas, carecendo ainda financeiramente de patrocinadores.

Criado em março de 1988, o Axé da Lua, do nono grupo das agremiações de Olinda, tem uma proposta de trabalho voltada para o social, mantendo em sua sede, durante esses anos, um centro educacional de rua. Além do presidente, os quatro artistas plásticos e instrutores — Alexandre de Jesus, Fernando Santana, Mariano Dionísio e Carlindo Idelfonso — ensinam técnicas de pintura, artesanato, traçados, instrumentação, música, danças e ritmos afros, bem como confecção de chapéus, camisas, adereços e da própria indumentária da agremiação para o Carnaval.

Quando o grupo desfila nas ruas de Olinda, não é apenas mais um a evoluir gingas e sons afros, é a felicidade em si daquelas crianças que se orgulham quando reconhecidas como integrantes do Axé da Lua. Hoje num total de quase 70 participantes, a maioria dessas crianças, segundo Malu, vivia nas ruas de Olinda a ganhar trocados das diversas formas. “muitas vezes no torpor da cola de sapateiro”.

Para manter o centro educativo, o grupo vende seus trabalhos, faz apresentações, além de destinar ao centro parte do que arrecada com o salão de beleza, mantido por Malu.